



NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS PERIFÉRICAS BRASILEIRAS ACERCA DOS ATRAVSSAMENTOS DAS OPRESSÕES INTERSECCIONAIS EM SEUS COTIDIANOS: UM ESTUDO QUALITATIVO

Erickson Franklin dos Santos Miranda¹

Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, São Carlos- Brasil

Carla Regina Silva²

Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, São Carlos- Brasil

Luciana Assis Costa³

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, Brasil

Resumo: Os processos de apagamentos produzidos pelo patriarcado, sexismo, racismo e colonialismo evidenciam as principais violações e violências interseccionais existentes no cotidiano das mulheres negras no Brasil. A naturalização destas opressões nas experiências e vivências femininas em sociedades racializadas marcaram um lugar específico nas subjetividades e nos contextos sociais brasileiros nos quais estão inseridas. O objetivo deste estudo foi compreender o cotidiano de mulheres negras vulnerabilizadas a partir das repercussões das questões raciais, de gênero e de classe social. Trata-se de um estudo qualitativo, orientado pela abordagem da História de Vida, com a participação de seis mulheres negras periféricas de um município pernambucano. As entrevistas foram realizadas entre janeiro e março de 2022. As narrativas foram tratadas pelo método de Análise Temática onde emergiram dois temas centrais: (1) Os cenários das opressões interseccionais: Cenários de identidades; Cenários de

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional - UFSCAR. Mestre em Estudos da Ocupação - UFMG. E-mail: toericksonmiranda@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3242-8971>

² Docente do departamento de Terapia Ocupacional - UFSCAR. Doutora em Educação - UFSCAR. E-mail: carlars@ufscar.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7079-8340>

³ Docente do Departamento de Terapia Ocupacional- UFMG. Doutora em Sociologia - UFMG. E-mail: lucianaassis.ufmg@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3664-4839>



assédio e violência sexual; Cenários de Cuidado e Família. (2) Cenários de resistência para existir. As narrativas das participantes revelam a influência das questões raciais, de gênero e de classe em suas vidas, marcadas por violências e apagamentos. O projeto colonial de embranquecimento as afasta do auto-reconhecimento, gerando experiências alienantes. Apesar das violências, as mulheres resistem e ressignificam suas trajetórias através do cuidado de si e da coletividade, buscando estratégias de proteção e reconhecimento como sujeitas ativas na transformação social. É necessário aprofundar estudos sobre a população negra, especialmente mulheres, e incorporar a teoria da interseccionalidade na formação acadêmica para lidar com desigualdades e exclusões.

Palavras-Chave: Interseccionalidade; Feminismo negro; Vida cotidiana; Racismo.

NARRATIVES OF BLACK PERIPHERAL BRAZILIAN WOMEN ABOUT THE CROSSINGS OF INTERSECTIONAL OPPRESSIONS IN THEIR EVERYDAY LIFE: A QUALITATIVE STUDY

Abstract: The processes of erasure produced by patriarchy, sexism, racism and colonialism highlight the main violations and intersectional violence that exist in the daily lives of black women in Brazil. The naturalization of these oppressions in the experiences and daily lives of women in racialized societies has carved out a specific place within the subjectivities and social contexts of Brazil in which they are embedded. The objective of this study was to understand the daily lives of vulnerable black women based on the repercussions of racial, gender and social class. This is a qualitative study, guided by the Life History approach, with the participation of six peripheral black women from a municipality in Pernambuco. The interviews were carried out between January and March 2022. The narratives were treated using the Thematic Analysis method where two central themes emerged: (1) The scenarios of intersectional oppressions: Scenarios of identities; Scenarios of sexual harassment and violence; Care and Family Scenarios. (2) Scenarios of resistance to exist. The participants' narratives reveal the influence of racial, gender and class issues in their lives, marked by violence and erasure. The colonial whitening project distances them from self-recognition, generating alienating experiences. Despite violence, women resist and give new meaning to their trajectories through caring for themselves and the community, seeking protection and recognition strategies as active subjects in social transformation. It is necessary to deepen studies on the black population, especially women, and incorporate the theory of intersectionality into academic training to deal with inequalities and exclusions.

Keywords: Intersectionality; Black Feminism; Daily life; Racism.



NARRATIVAS DE MUJERES NEGRAS PERIFÉRICAS BRASILEÑAS SOBRE LOS CRUCES DE OPRESIONES INTERSECCIONALES EN SU VIDA COTIDIANA: UN ESTUDIO CUALITATIVO

Resumen: Los procesos de borrado producidos por el patriarcado, el sexismo, el racismo y el colonialismo ponen de relieve las principales violaciones y violencias interseccionales que existen en la vida cotidiana de las mujeres negras en Brasil. La naturalización de estas opresiones en las experiencias y vivencias femeninas en sociedades racializadas ha marcado un lugar específico en las subjetividades y en los contextos sociales brasileños en los que están insertas. El objetivo de este estudio fue comprender la vida cotidiana de mujeres negras vulnerables a partir de las repercusiones de cuestiones raciales, de género y de clase social. Se trata de un estudio cualitativo, guiado por el enfoque de Historia de Vida, con la participación de seis mujeres negras periféricas de un municipio de Pernambuco. Las entrevistas se realizaron entre enero y marzo de 2022. Las narrativas fueron tratadas mediante el método de Análisis Temático donde surgieron dos temas centrales: (1) Los escenarios de opresiones interseccionales: Escenarios de identidades; Escenarios de acoso y violencia sexual; Escenarios de Cuidado y Familia. (2) Escenarios de la resistencia a existir. Las narrativas de los participantes revelan la influencia de las cuestiones raciales, de género y de clase en sus vidas, marcadas por la violencia y el borrado. El proyecto de blanqueamiento colonial los aleja del autorreconocimiento, generando experiencias alienantes. A pesar de la violencia, las mujeres resisten y resignifican sus trayectorias a través del cuidado de sí mismas y de la comunidad, buscando estrategias de protección y reconocimiento como sujetos activos en la transformación social. Es necesario profundizar los estudios sobre la población negra, especialmente las mujeres, e incorporar la teoría de la interseccionalidad en la formación académica para abordar las desigualdades y exclusiones.

Palabras-clave: Interseccionalidad; Feminismo Negro; Vida Diária; Racismo .

RÉCITS DE FEMMES BRÉSILIENNES PÉRIPHÉRIQUES NOIRES SUR LES PASSAGES D'OPPRESSIONS INTERSECTIONNELLES DANS LEUR VIE QUOTIDIENNE : UNE ÉTUDE QUALITATIVE

Résumé: Les processus d'effacement produits par le patriarcat, le sexisme, le racisme et le colonialisme mettent en lumière les principales violations et violences intersectionnelles qui existent dans la vie quotidienne des femmes noires au Brésil. La naturalisation de ces oppressions dans les expériences et les vécus des femmes



au sein de sociétés racialisées a marqué une place spécifique dans les subjectivités et les contextes sociaux brésiliens dans lesquels elles s'insèrent. L'objectif de cette étude était de comprendre le quotidien des femmes noires vulnérables à partir des répercussions des enjeux de race, de genre et de classe sociale. Il s'agit d'une étude qualitative, guidée par l'approche Life History, avec la participation de six femmes noires périphériques d'une municipalité de Pernambuco. Les entretiens ont été réalisés entre janvier et mars 2022. Les récits ont été traités selon la méthode d'Analyse Thématique où deux thèmes centraux ont émergé: (1) Les scénarios d'oppressions intersectionnelles : Scénarios d'identités ; Scénarios de harcèlement et de violence sexuels ; Scénarios de soins et de famille. (2) Scénarios de la résistance à l'existence. Les récits des participants révèlent l'influence des questions de race, de genre et de classe dans leur vie, marquée par la violence et l'effacement. Le projet colonial de blanchiment les éloigne de la reconnaissance de soi, générant des expériences aliénantes. Malgré la violence, les femmes résistent et donnent un nouveau sens à leurs trajectoires en prenant soin d'elles-mêmes et de la communauté, en recherchant des stratégies de protection et de reconnaissance en tant que sujets actifs de transformation sociale. Il est nécessaire d'approfondir les études sur la population noire, en particulier les femmes, et d'intégrer la théorie de l'intersectionnalité dans la formation académique pour faire face aux inégalités et aux exclusions.

Mots-clés: Intersectionnalité; Féminisme noir; La vie quotidienne; Racisme .

INTRODUÇÃO

O racismo cotidiano é uma realidade enfrentada por pessoas negras em suas experiências diárias. Ele se manifesta de diversas formas, desde vocabulários e discursos até gestos e ações. Essas experiências não ocorrem isoladamente, mas sim de maneira contínua e constante em todas as instituições e espaços sociais. O racismo cotidiano emerge em contextos específicos e revela uma dinâmica triangular entre o sujeito negro, o sujeito branco que perpetua a violência e o público branco que, de forma passiva, apoia essa estrutura (Kilomba, 2019). Além disso, essa vivência particular do racismo cotidiano reatualiza traumas coloniais, refletindo



relações de poder entre escravizados/as e sinhás/senhores, tanto simbólica quanto figurativamente (Kilomba, 2019).

Assim, o racismo operacionalizado juntamente com outras relações de poder e dominação, como machismo, LGBTfobia, classismo, capitalismo, aporofobia entre outros entrecruzados, produzem formas de opressão complexas (Collins; Bilge 2019).

As mulheres negras enfrentam violências interseccionais decorrentes do patriarcado, machismo, sexismo, racismo e colonialismo no Brasil. As opressões naturalizadas na vivência das mulheres negras as reduzem a estereótipos como "mulata", "mãe preta" ou "doméstica". (Gonzalez, 2020). O problema central é a ocupação permanente desse imaginário social restritivo. Suas identidades são confinadas a funções subalternas de cuidado ou à hiperssexualização de seus corpos. Essas "imagens de controle" (Bueno, 2020) remontam à escravidão, perpetuando uma visão que as limita a serem servas ou objetos de desejo (Gonzalez, 2020).

A teoria da interseccionalidade emerge frente ao descontentamento e apagamento, mais uma vez, de mulheres negras na luta feminista nos Estados Unidos, na década de 1980. As mulheres brancas pautavam necessidades que não contemplavam as das mulheres negras. Assim, a discussão sobre a interseccionalidade proporcionada pelo feminismo negro, foi de suma importância ao incorporar a dimensão racial na narrativa feminista. Dentro de uma perspectiva acadêmica, torna-se uma produção ativista, engajada e posicionada, que amplia o entendimento sobre as diversas e interligadas opressões experienciadas na vida cotidiana de mulheres negras e permite que as suas vozes sejam ouvidas (Crenshaw, 2004; Collins, 2017; Hirata, 2014)

Ao tecer seus cotidianos, as injustiças sociais e ocupacionais que atravessam a população negra (Farias; Leite Junior; Costa, 2018) localizam



socialmente diferenças na vivência das mulheres (Collins, 2022). Elas são simultaneamente impactadas por opressões de raça, gênero e classe, que se interseccionam para restringir suas experiências cotidianas. O foco deste artigo, portanto, são as nuances específicas dessas vivências ocupacionais de mulheres negras.

O cotidiano é a vida prática, moldado por condições que facilitam ou dificultam sua realização. Ele é formado pelas relações e experiências do dia a dia. Essas experiências são pontos importantes para conhecer a vida cotidiana, através de uma análise microssocial que considera os atravessamentos pelas estruturas macrossociais (Pais, 2013; Galheigo, 2003; 2020). Essas experiências refletem como a sociedade se organiza de forma estrutural e como ela se desorganiza do ponto de vista das desigualdades e repercute na compreensão do cotidiano (Martins, 2020).

Uma aproximação desses conceitos - Cotidiano e Interseccionalidade - passa pela compreensão da experiência de vida que sucede nos acontecimentos mais ordinários do dia a dia das pessoas. A experiência de vida é fundamental para a construção do conhecimento sobre o cotidiano, que amplia a perspectiva de análise, relacionando as estruturas sociais com as dimensões interpessoais vivenciadas pelos sujeitos (Pais, 2013).

A partir de uma leitura interseccional do cotidiano, abre-se uma possibilidade de analisar essas dimensões no cotidiano de mulheres negras. As estruturas e relações sociais que geram opressões às mulheres negras estão imbricadas e não hierarquizadas ou categorizadas, constituindo matrizes opressoras (Crenshaw, 2004; Collins, 2017; Hirata, 2014).

A Interseccionalidade exige a busca do resgate das vivências e histórias de mulheres negras que, em suas experiências, provaram a resistência dentro de uma sociedade racialmente desigual (Crenshaw, 2004; Collins, 2017). Nessas experiências interseccionais, que emergem na vida cotidiana de mulheres negras,



relatos sobre as discriminações vivenciadas em diferentes espaços sociais expressam o sofrimento mental de pessoas negras, sendo as mulheres negras as que mais vivenciam as discriminações na busca de cuidados específicos (Dale; Safren, 2019). Contextos de moradia, pobreza, segregação urbana e políticas de habitação estão pautadas no racismo estrutural, ambiental, cotidiano, entre outros, sustentado pela colonialidade, o que reitera a cada ano a violenta segregação racial (Panta, 2018) e o encarceramento do corpo negro (Akotirene, 2020).

Nos contextos de trabalho, em especial os serviços domésticos, perpetuam aspectos coloniais racializados e se sustentam nas repercussões interseccionais de classe, gênero e raça (Rain; Llombart; Malo, 2020). A ordem colonial reatualizada pelo Racismo Cotidiano possibilita no tempo presente reviver o trauma do passado, nas relações de poder entre pessoas negras escravizadas e pessoas brancas escravagistas de forma metafórica (Kilomba, 2019).

Dessa maneira, as violências contra as mulheres negras são vivenciadas no cotidiano, como ir à loja de roupa e ser perseguida (Bourabain; Verhaeghe, 2019), em ambientes educacionais onde enfrentam dificuldades para acessar o ensino superior, por exemplo, além de se manterem nesses espaços experienciando insultos, desvalorizações, invalidações, falta de apoio até episódios de assédios morais e sexuais (Ellis et al, 2019; Vandana, 2020).

No entanto, existem movimentos de resistência, às reivindicações das pautas feministas negras contra o racismo de gênero que promovem a conscientização e instrumentalização que norteia o cotidiano a partir de uma visão interseccional. Nesse processo, a construção de sujeito negro/negra, perpassa na retomada da sua voz, de sua identidade e subjetividade (Gonzalez, 2020; Kilomba, 2019).

A leitura interseccional do cotidiano de mulheres negras possibilita um mapeamento das mudanças na luta do feminismo negro. Assim, o feminismo negro em seu caráter de movimento social, estabelece às questões de raça, classe social, gênero e sexualidade em sistemas interseccionais de poder. Além disso, há o



envolvimento da academia que se apropria dessa temática e as implicações na criação de políticas emancipatórias influenciadas pela legitimação acadêmica do conceito (Collins, 2017).

Nesse sentido, este artigo, apresenta um recorte frente uma investigação de mestrado que teve como objetivo compreender as repercussões das questões raciais, de gênero e de classe social no cotidiano de mulheres negras de uma periferia do município de Jaboatão dos Guararapes - PE. Com isso, tem-se a preocupação de refletir como a Interseccionalidade, sobretudo com as questões raciais, de gênero e de classe social repercutem no cotidiano de mulheres negras vulnerabilizadas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Apresentamos os resultados de um estudo qualitativo que utilizou o método narrativo de História de Vida. O estudo buscou o aprofundamento das relações que as pessoas, grupos e organizações estabelecem “com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 2002, p.22).

A abordagem de História de Vida consiste em um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, seja oral ou escrito. Esse método se aproxima dos estudos qualitativos biográficos e tem origem em um estudo sociológico sobre pobreza e imigrantes poloneses nos Estados Unidos realizado por William I. Thomas e colaboradores na Escola de Chicago (Becker, 1996).

A utilização de entrevistas e histórias de vida se tornou um marco importante para compreender as dimensões sociais e seus efeitos nas trajetórias de vida dos participantes (Chizzotti, 1991; Nogueira, et al, 2017; Becker, 1996). Assim, narrar a



história permite a quem narra e a quem ouve reconfigurar e ressignificar as experiências.

Para esse estudo foram considerados como critérios de inclusão: (1) Mulheres que se autodeclaram negras (pardas ou pretas); (2) Mulheres negras que se encontravam na faixa etária entre 18 a 70 anos de idade; (3) Diversidade de identidade de gênero, orientação sexual e expressões religiosas/espirituais/crenças. Como critérios de exclusão: (1) mulheres negras que possuem algum tipo de deficiência cognitiva e/ou intelectual a partir das informações disponibilizadas pelas próprias informantes ou por terceiros.

Foi utilizada uma amostragem não probabilística do tipo *Bola de Neve* (Vinuto, 2014). O contato inicial foi feito com uma trabalhadora da unidade de saúde da família no Conjunto Muribeca, Jaboatão dos Guararapes-PE, devido ao vínculo com o pesquisador e por ser uma mulher negra moradora da comunidade. Essa interlocutora identificou seis mulheres negras moradoras deste território, como participantes do estudo.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de janeiro a março de 2022 pelo primeiro autor, a partir de entrevistas em profundidade, não estruturadas, com perguntas disparadoras.

Primeiramente o entrevistador-pesquisador fez um levantamento de dados sobre o perfil identitário e socioeconômico das participantes. Foram iniciadas as entrevistas com uma pergunta norteadora “Considerando que você é uma mulher negra periférica/ de comunidade, me conta um pouco da sua história de vida, como foi desde a infância até os dias atuais? O que você conta sobre você?”.

Após a transcrição na íntegra dos materiais, foi devolvido às participantes gravações em áudio de cada uma, a partir de então escrito, onde elas validaram as narrativas dando possibilidade para prosseguir a análise dos dados (Santos; Santos, 2008). Assim, a narrativa colhida foi transcrita, apresentada e discutida em conjunto com as mulheres participantes e o pesquisador (Silva et al, 2007).



A análise dos dados coletados seguiu a Análise Temática. Essa abordagem permite desvendar os núcleos de sentidos nas narrativas, relacionando-os ao constructo analisado (Santos; Santos, 2008).

As narrativas foram impressas e sublinhadas para identificar temas amplos. Cada narrativa evidenciou cenários temáticos centrais em que as opressões interseccionais se manifestavam nas vivências ocupacionais do cotidiano dessas mulheres.

O estudo teve aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais e foi registrado no número CAAE: 52584421.4.0000.5149. Foram utilizados pseudônimos escolhidos pelas participantes no lugar dos seus nomes para preservar suas identidades e manter a confidencialidade dos dados. A escolha dos nomes definida por elas corrobora o compromisso ético desta pesquisa em trazer suas vozes e compartilhar com elas a construção desta identidade que precisa ser preservada.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Primeiramente, apresentaremos o perfil das participantes. A primeira entrevistada foi a Inês, mulher, preta, cisgênero, heterossexual, 64 anos, viúva, tem um filho adotivo, mora só, concluiu o Ensino Médio e sonhava com a universidade, desejando cursar Psicologia ou Serviço Social. Ela trabalhou em fábricas, vendendo roupas e perfumes. Abriu, junto com seu marido, um espaço comercial dentro da comunidade com serviços envolvendo fotografia de documentos e eventos. Depois do falecimento do seu marido, reconfigurou o espaço para continuar tirando as fotografias e vendendo materiais escolares. Hoje, Inês está aposentada. Para Inês, a mulher negra precisa ser valorizada.



A segunda entrevistada foi a Rosemary, mulher, parda, cisgênero, heterossexual, 75 anos, casada, tem três filhos, sendo uma mulher e dois homens, mora com o marido e não chegou a concluir o ensino fundamental. Ela possuiu uma pequena lanchonete dentro da comunidade. Por muitos anos, desenvolveu o papel de zeladora na igreja onde frequenta até hoje. Com a ajuda do marido, tornou-se pedreira de construção da própria casa. Hoje está aposentada. Para Rosemary, a mulher negra tem um senso de cuidado singular e pode estar em espaços de representação de poder.

A terceira entrevistada foi a Rute, mulher, preta, cisgênero, heterossexual, 47 anos, casada, tem um filho, mora apenas com filho, pois o marido está em outro país a trabalho. Concluiu o ensino superior em Pedagogia e cursa atualmente Enfermagem. Antes da faculdade de Pedagogia, desenvolveu, na comunidade, um espaço de reforço escolar e hoje em dia trabalha como agente comunitário de saúde da Unidade de Saúde da Família na comunidade. Para Rute, a mulher negra pode e deve falar o que pensa.

A quarta entrevistada foi a Azeviche, mulher, preta, cisgênero, assexual, 67 anos, solteira, tem um filho, mora com sua neta, não chegou a concluir o ensino superior, mas cursava marketing e propaganda. Já foi tesoureira de uma revendedora de pneus. Desenvolve, desde jovem, trabalhos manuais de crocheteamento que aprendeu na escola e lhe gera uma renda extra e trabalha como agente comunitário de saúde da Unidade de Saúde da Família na comunidade. Para Azeviche, a mulher negra precisa ser amada como é.

A quinta entrevistada foi a Agg Vidas, mulher, preta, cisgênero, heterossexual, 50 anos, casada, tem três filhos, sendo dois meninas e um menino, mora com seus filhos, chegou a concluir o ensino médio e sonhava em ser policial militar e enfermeira. Já trabalhou em lojas no comércio no centro de uma cidade vizinha, hoje trabalha como cuidadora de crianças em seu domicílio. Para Agg Vidas, o lugar da mulher negra é onde ela quiser.



A sexta entrevistada foi Carla, mulher, preta, cisgênero, bissexual, 18 anos, solteira, sem filhos, mora com sua mãe, irmã, o pai da sua irmã e avó materna, ainda está cursando o ensino médio e sonha em ser farmacêutica com especialização na saúde da criança ou ainda médica pediatra. Trabalha em uma banca de jogos de aposta como vendedora de bilhetes de loterias. Para Carla, a mulher negra precisa de espaços para a valorização da sua existência.

QUAIS OS CENÁRIOS DAS OPRESSÕES INTERSECCIONAIS?

CENÁRIOS DAS IDENTIDADES: “CRIEI UMA PERSONALIDADE QUE NÃO É VERDADE, COM ESSAS MEMÓRIAS, É ASSIM QUE ME MANTENHO FIRME NESSA SOCIEDADE”

A construção das identidades das participantes é forjada a partir das inúmeras e diversas violências imputadas pela lógica dominante branca em julgar e classificar o que pertence e o que não pertence aos seus contextos, gerando rupturas em suas subjetividades. Essa ruptura que causa um não pertencimento nos contextos vividos provoca um processo alienante que se apoia nas opressões e constitui respostas subjetivas como, ser uma pessoa sempre forte ou ser uma pessoa muito tímida, ou até mesmo assumir uma personalidade que não a sua para enfrentar uma sociedade prismada na lógica branca heterocispatriarcal e capitalista (Kilomba, 2019).

Dessa maneira, as narrativas apresentam um aspecto importante quando se trata das experiências do racismo cotidiano, das violências de gênero e das desigualdades socioeconômicas. Há uma busca incansável pela conexão e pelo reconhecimento num mundo que prioriza e valoriza corpos, identidades e subjetividades classificadas pelo padrão branco hegemônico. Nessas interseccionalidades, pode-se notar a desumanização das sujeitas negras, o



processo alienante de atribuir uma outra identidade e o apagamento de si mesmas, violando suas subjetividades.

Carla: Eu comecei a bloquear memórias [negativas]. Eu tenho certa parte da minha vida, na escola, de casa mesmo, que eu não lembro. Porque eu acho que eu comecei a bloquear momentos da minha vida. São pouquíssimos que eu lembro, porque foram os momentos que fizeram minha mente ser o que ela é, que não se deixa derrubar por qualquer coisa. São as memórias que, eu acho mais fortes que eu filtrei pra fazer um escudo, é tipo um escudo. Criei uma personalidade que não é verdade, com essas memórias, é assim que me mantenho firme nessa sociedade.

Falar de si é uma forma de exercer a autonomia, refletir sobre o curso dado e amadurecer futuros possíveis – ser e estar presente – ainda que as memórias retratem tantos sofrimentos e violações. Assim, no processo de se identificar-se dentro de uma sociedade predominantemente pensada, pautada, classificada, esperada, organizada, ideológica, comportamental e esteticamente branca ser negro/negra e alcançar um espaço social desejável é se adequar a essas expectativas brancas (Souza, 1983; Kilomba, 2019).

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelidas a exigências alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se de resgatar a sua história e recriar-se em suas potencialidades (Souza, 1983, p.18).

A escravidão brasileira foi uma tragédia com impacto profundo na cultura, política, economia e nenhum outro assunto é tão definidor para construção de nossa identidade (GOMES, 2019). Com o fim do período escravagista e início de um sistema capitalista, a pessoa negra no incurso de ascensão social, buscou moldar-se às expectativas de alcançar o respeito e o prestígio de um grupo social branco para ser aceita minimamente como parte dessa sociedade (Souza, 1983).

“Criei uma personalidade que não é verdade, com essas memórias, é assim que me mantenho firme nessa sociedade, na minha vida, pra não me importar com que as pessoas dizem e pensam sobre mim”. Carla é compelida a agir dessa maneira para que exista uma participação social possível, para poder ser quem é, sua narrativa se



constrói sustentada pelos custos de um apagamento de sua história e fragmentação identitária, corroborando com silenciamentos e as domesticações advindas de processos históricos, políticos e culturais de perpetuação das hegemonias e privilégios brancos.

Então, pessoas negras que fogem dessa ordem de dominação autoritária e competitiva, são consideradas, vadias/vadios, rebeldes, incorrigíveis, incatequisáveis, selvagens, degenerados, pois subvertem a ordem e o imaginário social que negras/negros devem ser doces e submetidas/submetidas uma espécie de primitivismo e animalização da/do sujeita/sujeito negra/negro (Kilomba, 2019).

Rute: A escola foi muito difícil pra mim, porque eu gostava de estudar, eu achava que, como eu sou muito tímida em algumas situações, eu ficava muito calada. [chorosa, muito emocionada] [...] eu disse “eu não quero ir pra escola”. Foi quando ela [a irmã] sentou comigo e conversou isso depois de muitos dias sofrendo, levando empurrão, sendo chamada de negra, sendo chamada de macaca, sabe. Ficava no meio, num círculo, que elas fechavam e ficavam me catucando, aí eu disse “eu não quero ir por esse motivo, porque tem umas meninas fazendo isso comigo. Mas eu não quero que você vá falar, porque vai ser pior, elas vão vim atrás de mim”.

O lugar que Rute ocupa no meio do círculo performa metaforicamente seu lugar de impotência na sociedade numa perspectiva interseccional entre raça, classe e gênero. Segundo Grada Kilomba (2019), dispõe Rute como alvo, como objeto, um centro solitário atingido por diversos arranjos possíveis do racismo cotidiano; a pessoa e/ou grupo branco ou embranquecido socialmente no entorno, sendo porta-voz gerador das violações reais-subjetivas do racismo cotidiano. Como uma espécie de ágora branca, com uma plateia condescendente silenciosa que valida as violências. Dessa maneira, os corpos negros são reposicionados em uma ordem e imaginário social onde reatualiza o passado colonial no presente.

EPISÓDIOS DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE A PARTIR DO CABELO: AS CORPOREIDADES DAS MULHERES NEGRAS



O cabelo na construção identitária da mulher negra é uma parte salutar, pois muitas experiências de desumanização e de empoderamento fazem parte da relação dessas mulheres com seus cabelos. As participantes narram que são o tempo todo avaliadas pelos olhares de uma sociedade embranquecida e que um dos alvos dessa avaliação racista passa pelo cabelo. Assim, as mulheres revivem sofrimentos e recriam estratégias através do cabelo, que possibilitem o enfrentamento do racismo cotidiano, que reposiciona a ordem colonial.

Rute: Tem situações que pessoas me olham de cima a baixo e as vezes é por causa da sua roupa, porque não é uma roupa de marca, às vezes é por causa da sua cor, sim, porque às vezes eu penso assim, se eu tivesse um cabelo lisinho como falam, se fosse assim, talvez as pessoas não me olhassem assim em alguns lugares. [pausa com respiração forte].

Retomando a perspectiva da constelação triangular de Kilomba (2019), quando Carla conta que *“Escutar a avó [branca] dizer que o cabelo deveria ser alisado, porque é ‘ruim’ e que deveria ser igual da irmã que é liso, porque ela é branca e não sei o que, isso machuca uma criança”* ela é mais uma vez posicionada na sua trajetória cotidiana de forma a ser alvo de uma avaliação branca sobre seu cabelo. Se de um lado seu cabelo é ruim, do outro existe uma terceira pessoa referencial de um padrão estético-capilar aceitável, sua irmã branca de cabelo liso.

Os fenômenos de racialização, da categorização dos corpos racializados e das demandas pelo embranquecimento estão presentes nestas narrativas, assim como Fanon (2020) nos apresenta na construção racializada da corporeidade, ou seja, um esquema corporal epidêmico-histórico-racial que se constrói a partir dos estereótipos negativos atribuídos ao corpo negro, ao mesmo tempo, aparecem também elementos de negação de si, habituando uma zona do não ser e a construção do desejo pelo embranquecimento.

As mulheres negras que sustentam cabelos crespos ou outros tipos se vem colocadas no lugar de ‘diferentes’, ‘anormais’, inadequadas, pois essa comparação



posiciona as participantes como pessoas descuidadas, selvagens, incontroláveis – primitivizando e animalizando mais uma vez seus corpos (Kilomba, 2019).

O racismo genderizado e as desigualdades socioeconômicas colocam as mulheres negras numa posição de duvidar de si mesmas e de comparar seus corpos e pertences na tentativa de acessar subjetivamente o mundo da mulher branca (mundo branco).

Dessa maneira, empoderar-se e assumir tal padrão capilar é posicionar-se politicamente, assim como conta Inês quando relata:

Inês: “Uma vez coloquei os cabelos lindos que eu comprei, a mulher dentro do ônibus “são seus?” eu disse “são. Eu comprei: é meu. Algum problema?”. Então, irmã Neidinha dizia “tu és tão grossa com as pessoas” ou eu sou grossa ou elas me pisam. Eu preciso ser grossa pra que elas não me pisem, porque se eu for fofinha elas me esmagam”.

Não permitir que as normas brancas esmaguem Inês, é reposicionar seu corpo em uma consciência racial e enfrentar, como diz Grada, a “perda de controle” e “ansiedade branca” existente na ordem colonial (Kilomba, 2019). E, nesse processo, “...transformar-se em ato político de luta, resistência, autocura e desobediência contra às lógicas coloniais da branquitude” (Ambrósio et al, 2022, p.455).

EPISÓDIOS DE NATURALIZAÇÃO DO RACISMO E OS PROCESSOS DE COLONIZAÇÃO DO COTIDIANO DE MULHERES NEGRAS

O projeto colonial de embranquecimento da sociedade sustentado pela alegoria de uma harmonia entre raças no Brasil, silencia, subjuga e desloca o povo negro para longe de um autorreconhecimento e mais perto das inúmeras desigualdades que esse projeto produz. O racismo cotidiano, rememora essa ordem colonial, onde para as participantes é tão absurda essa experiência, que os



processos de negação, de ambivalência e de frustração sobressaem (Gonzalez, 2020; Kilomba, 2019).

Rosemary: meu filho, eu nunca ouvi sobre mim. Assim, mas que a gente escuta muito escuta, até mesmo na reportagem, a gente vê, mas eu mesmo não, nunca fui afetada não. Apesar que meu esposo já foi, minha filha também já foi [...] acho que, sempre me dei bem com todo mundo, só se foi por trás, falaram algo por trás de mim, mas que na minha presença não, porque eu sempre fui muito bem aceita. [...] eu acho que, negra, pra mim não faz diferença, porque ela é humana do mesmo jeito do branco e principalmente se ela for uma pessoa desenvolvida [com estudos e trabalho formal], não há diferença.

Rute: Às vezes a dor ensina a gente a crescer mais rápido em algumas situações [...] porque minha mãe ensinou a gente “olhe, sirva. Faça. procure evitar problemas.” Frases assim, que não está errado, só que ela não nos ensinava a dosar isso. Então a gente sempre dizia ‘sim’ pros outros, eu e meus irmãos, sempre ‘sim’ pros outros e ‘não’ pra gente.

Inês: Agora, quanto a minha negritude eu posso dizer uma coisa a você, eu vou falar uma coisa que talvez as pessoas vão achar um absurdo, eu odeio essa cota de negro pra faculdade, não tá certo pra mim, negro tem condições, tem inteligência pra atingir o mesmo nível do outro. Eu detesto o dia da consciência negra, tem o dia da consciência branca? Não tem. Então, a gente só se expõe. Entendeu, tem que ser normal, porque se eu destaco, então eu me exponho.

Retomando as considerações, sobre o projeto da branquitude, de Neusa Santos Sousa (1983), temos que um dos seus objetivos consiste em introduzir um “cavalo de troia” discursivo no imaginário do povo negro, produzindo efeitos de negação das próprias vivências de racismo. Esse processo se sustenta pelo “tripé da estrutura das relações raciais no Brasil” – contínuo de cor, ideologia do embranquecimento e democracia racial – tais elementos produzem na população negra uma espécie de alienação para ser possível ascender socialmente (Souza, 1983, p.22).

Essa falsa harmonia produzida pelo mito da democracia racial sustentadas por obras literárias, pinturas e discursos políticos representa uma espécie de neurose da sociedade branca, como diz Lélia Gonzalez (2019). A sociedade branca protegida pelos privilégios da branquitude ao se deparar com as tragédias causadas



pela escravização colonial, ressaltando as violências de gênero e sexual contra mulheres negras e indígenas, cria mecanismos de defesa para negar e afastar os eventos perversos desse processo. Assim, gera-se o discurso da harmonia entre as raças que reconstruiu o Brasil. Essa falácia para o imaginário do estrangeirismo e elite brasileira, abriu portas para a negação e a naturalização das inúmeras atrocidades ocorridas no período colonial brasileiro (Gonzalez, 2019).

Assim, nas narrativas de Rosemary e de Rute, se estabelece a dualidade e a condicionalidade, onde de um lado está a mulher negra que precisa alcançar determinados critérios de servidão, conhecimento intelectual e estabilidade socioeconômica e, do outro, a sociedade representada pelo homem branco, alvo central dos desejos a serem alcançados e destinados. Uma disputa desigual e alienante de reconhecimento de suas próprias subjetividades e realidades (Souza, 1983; Kilomba, 2019).

Para Frantz Fanon (2020, p. 25) “a verdadeira desalienação do negro requer um reconhecimento imediato das realidades econômicas e sociais. Se há um complexo de inferioridade, ela resulta de um duplo processo: – econômico, em primeiro lugar; – e em seguida, por interiorização, ou melhor, por epidermização dessa inferioridade”.

Desse modo, ele afirma que o sentimento de inferioridade existente no cotidiano do povo negro é um efeito do deslocamento, na tentativa de sensação e de aproximação a se igualar ao contexto branco, às suas exigências e maneiras de vida (Fanon, 2020).

Quando um antilhano bacharel em filosofia opta não disputar uma vaga de docente, tendo em vista sua cor, digo que a filosofia nunca salvou ninguém. Quando um outro insiste em me provar que os negros são tão inteligentes quanto os brancos, eu digo: tampouco a inteligência salvou ninguém, e isso é verdade, pois, se é em nome da inteligência e da filosofia que se proclama a igualdade dos homens, é também em nome delas que se decide pelo extermínio desses mesmos homens (Fanon, 2020, p.43)



Quando Inês afirma ser contra as ações afirmativas no Ensino Superior ou datas de conscientização como símbolo de luta e resistência do povo negro, em parte expressa como a democracia racial está corporificada inclusive em corpos negros, por outro, ao fazer um comparativo com o que foi supracitado por Fanon, há uma tentativa de apagamento das conquistas das pessoas negras nos movimentos sociais que pautam as dimensões étnico-raciais no Brasil (Fanon, 2020).

CENÁRIOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL: “ACABOU ACONTECENDO ALGUMAS COISAS QUE EU NÃO QUERIA, MAS QUE EU ACHEI QUE EU FOSSE ERRADA, PORQUE EU ESTAVA ALI...”

Nessa incursão, as participantes vivenciam violências que causam rompimentos subjetivos traumáticos. Dentre as violências narradas, a violência sexual provocada por homens que havia algum tipo de laço afetivo e/ou parentesco. Esse tipo de sofrimento é reatualizado pelo imaginário colonial que o corpo da mulher negra é desvalido de amor, hipersexualizado, servindo apenas para a dominação.

Agg Vidas:[...] Já o outro, foram 9 anos de convivência [terceiro relacionamento] ele era machista, prepotente, autoritário, ignorante, ciumento, tudo em si que existe pra um preconceito que a mulher sofre. Tinha que ter toda autoridade sobre uma mulher, sobre a esposa [tom de deboche] ele decidiu então casar, eu não queria casar no civil nada disso, porque eu já via, parece que eu já previa o futuro. Tudo em si que existe num relacionamento abusivo eu passei com ele, de ter relações [sexuais] a pulso [contra sua vontade], como ele era mais forte e quase que a gente não pode segurar a força de homem, era isso, ele me proibia de falar com amizades, me afastou de várias amizades, não pude trabalhar, não podia colocar uma roupa arrumada, ele não podia me ver assim, não podia passar batom, ajeitar o cabelo que sou eu mesmo que faço, me pintar, me maquiar, que dizia que estava muito bonita “pra que ficar muito bonita pros outros? Pode tirar”.

Carla: Eu também já sofri um caso quando eu era muito pequena, acho que eu tinha uns 10 anos, faz muito tempo [gesto com as mãos]. Foi o pai da minha irmã. Eu dormia no mesmo quarto que ele, porque a casa da minha avó, morava com minha



avó, só tinha dois quartos. Ele chegou de viagem, eu tive que dormir no quarto com ele e eu e minha irmã dormia no colchão no chão, porque eu não queria dormir com ele na cama. Ele desceu, deitou por cima de mim e começou a passar a mão pelo meu corpo[...]Muito tempo depois eu contei pra ela, só que ela o trata como se ele fosse a pessoa melhor do mundo, ela ama o pai da minha irmã, ela não gosta do meu pai.

A hipersexualização dos corpos das mulheres negras desde o período colonial até os dias atuais é reflexo da relação interseccional entre raça e gênero e o poder exercido do homem branco contra a mulher negra. Ao analisar os sentidos históricos e relacionais que os termos mulata, doméstica e mãe preta, Gonzalez (2020) tomou nota que a mulher negra tem um lugar específico na sociedade brasileira, sendo um corpo que ora assume a postura de servir, de cuidar (doméstica e mãe preta) tanto dos seus como de outras famílias e ora um corpo hipersexualizado e desejado (mulata) pelo homem branco, onde gera nele, o que denomina de uma culpabilidade branca (Gonzalez, 2020).

As narrativas de Rute, Carla e Agg recordam momentos traumáticos em suas vidas quando a dominação, a tentativa de posse do seu corpo reatualiza traumas coloniais, que consideram-nas indomáveis, primitivas, prostitutas e para tal, a correção e a domesticação das mulheres negras seria por meio da violência sexual. Pois, reposiciona novamente esses corpos no lugar de fragilidade e passividade (Kilomba, 2019; Gonzalez, 2020; Belonia, 2019).

No Brasil, as taxas de violência sexual contra as mulheres negras as colocam nas categorias de mais vulneráveis considerando que a faixa etária dessas mulheres as mais jovens (crianças, adolescentes e mulheres jovens) são as que mais sofrem violência sexual e, sobretudo, em contextos domésticos. Infelizmente, as participantes, vítimas dessa violência, em suas narrativas corroboram com esses dados, apontando a necessidade de mais políticas públicas que atendam a essa demanda (Engel, 2019).

Rita Segato (2016) afirma que a relação que escancara a violência sexual contra as mulheres se distingue da agressão, enquanto a primeira se define pela



pulsão sexual em satisfazer o desejo e objetifica o corpo feminino, o segundo conecta-se com a relação de poder, juntas, essas inequidades destroem as subjetividades das mulheres, tornando-as como no colonialismo, territórios passíveis de invasão.

CENÁRIOS DO CUIDADO E DA FAMÍLIA: “EU GOSTAVA MUITO DE CUIDAR. TINHA CRIANÇA QUE ME CHAMAVA DE MÃE...”

As participantes identificam o cenário de cuidado como outros episódios que apresentam racismo cotidiano. Em um cenário de cuidado, seja como mães e/ou nas relações afetivas familiares, a ordem colonial que remonta a partir do racismo cotidiano recria experiências alienantes e de apagamentos, que expulsa a mulher negra de qualquer outra vivência que as identifiquem como sujeitas. Esse processo estabelece e reforça os estereótipos de mãe preta forte e trabalhadora doméstica zelosa, sendo esses papéis sociais e ocupacionais coloniais destinados às mulheres negras.

Rosemary: Eu gostava muito de cuidar. Tinha criança que me chamava de mãe, entendesse? Tinha uma tia do meu marido que convivia com a gente, agora ela já morreu faz tempo, acho que uns 6 a 7 anos ou mais, e ela também me chamava de mãe, quer dizer eu gostava de cuidar. Pra você ver que eu gostava de cuidar do ser humano, eu tinha uma irmã, ela era um pouco atrapalhada, ela tinha 9 filhos, e sempre deixava as crianças comigo, Eu lavava, eu passava, eu cozinhava, dava de comer, as meninas e menino, eu cuidava deles. Isso aí eu dava graças a deus, porque eu gostava de fazer isso, de fazer o bem. [...] Eu me sinto uma mulher realizada na vida como mãe, graças a deus. Eu não tenho do que me queixar.

Agg Vidas: Toda vez que perguntavam, “é fulana sua [filha branca]? Ela é o que sua?” e nunca identificavam como eu fosse a mãe dela, até que eu dissesse que era minha filha. Até agora com meu terceiro filho, também a mesma coisa, porque ele também é clarinho e eu sou escura, ele também não parece comigo, parece com o pai, o povo já discrimina.

Se, por um lado, a representação colonial da mulher negra era considerá-la como prostituta indomável, por outro existia a ideia da mãe preta forte e doméstica



zeladora que era/é sustentado pelo imaginário branco (Kilomba, 2020; Gonzalez, 2020). As experiências dessas mulheres recriam os cenários coloniais, pois ao estabelecer essa imagem de mulher cuidadora, forte, zelosa, independente, mesmo que tenha sido usado para combater outros estereótipos em algum momento da história, as dimensões interseccionais atribuídas a esses estereótipos não permitem que essas mulheres manifestem seus sofrimentos advindo dessas opressões (Kilomba, 2019).

Agg Vidas narra esse desconforto gerado pelo imaginário de uma sociedade embranquecida que invoca a impossibilidade de Agg Vidas ser mãe de uma criança branca ou de se relacionar romântica e afetivamente com um homem branco, estabelecendo um único lugar “você é o que dela?”. Essas relações são construídas a partir dos medos e das angústias de uma sociedade branca projetando nas mulheres negras suas rejeições (Kilomba, 2019).

A partir dos relatos das mulheres sobre o cuidado, pode-se analisá-lo de duas maneiras: o cuidado como forma de expressão hereditária africana do afeto e solidariedade negra que se estende aos familiares e amigos (Cavalcante, 2015) ou o cuidado também como herança, contudo colonial e visto como única saída para ser aceita em uma sociedade que não permite a mulher negra assumir outros papéis sociais e que coloca ela apenas lugares de inferioridade (Gonzalez, 2020).

Os episódios experienciados no contexto familiar também são identificados como uma relação atravessada pelo racismo cotidiano, pelo patriarcado e pelas desigualdades socioeconômicas. Essas experiências privam as participantes de gozarem de outras vivências prazerosas, restringindo seus repertórios cotidianos. Um outro aspecto importante são os afetos/desafetos que a partir dessas experiências interseccionais vivenciadas no contexto familiar impactam na relação com suas ocupações.



Carla: Eu já sofri preconceito em casa com minha irmã que é branca, e isso meio que magoa muito, porque uma criança de 7 anos, as pessoas chamar ela de 'preta', dizer que ela não tem valor, dizer que ela não deveria estar misturada com elas, porque ela é negra, isso machuca muito uma criança. Para uma criança de 7 anos, uma irmã sentir a outra irmã jogar ela no chão e escutar ela dizendo que ela deveria ficar lá, porque lá é o lugar dela: lá no chão é o lugar dela, porque ela é negra, isso machuca. De escutar ela [irmã] dizendo que foi [a participante] abandonada pelo pai, porque o pai não queria saber dela, porque ela é negra, isso machuca muito uma criança. Escutar a avó dizer que o cabelo deveria ser alisado, porque é 'ruim' e que deveria ser igual o da irmã que é liso, porque ela é branca e não sei o quê, isso machuca uma criança.

No ambiente familiar, as experiências vividas por essas mulheres permitem entender como as suas subjetividades são afetadas pelas opressões interseccionais e que estabelece uma interferência na construção de identidades e no autoconhecimento. Nesse sentido, quando há a presença de um familiar branco que expõe seus racismos e gera as violências na família, estas atitudes geram efeitos psicossociais nas pessoas negras, em particular, nas mulheres negras (Schucman; Gonçalves, 2017).

Quando Carla e Agg Vidas contam que sofriam preconceito dentro de casa, embora pareçam inadmissíveis acontecer em um contexto familiar e de intimidade, são situações corriqueiras em famílias onde há uma pessoa branca, essas experiências moldam as subjetividades dessas mulheres negras, com sentimento de menos valia e de inferioridade (Schucman; Gonçalves, 2017).

Aqui mais uma vez se retoma a experiência interseccional, onde a mulher negra se encontra abandonada dentro de sua própria família a partir da experiência do racismo; o sujeito branco, que aqui ocupa o lugar de familiar ou de pessoa íntima expressa seu racismo como uma expressão de suas diferenças. Essa 'diferença' como conceito cultural que performa o controle e a intimidação que silencia a mulher negra. E por fim, o consenso branco ou embranquecido, outros familiares que apoiam essas atitudes racistas que, emudecidos, participam da deterioração subjetiva das mulheres negras (Kilomba, 2019).



CENÁRIOS DE RESISTÊNCIA COTIDIANA PARA EXISTIR

Mesmo vivenciando histórias de sofrimentos, violências, apagamentos e demais violações perpetradas pela lógica colonialista, racista, patriarcal e desigualdades socioeconômicas, ainda assim, as participantes encontram possibilidades de resistir e ressignificá-las em um projeto de vida que leva em consideração a coletividade e o cuidado de si, tornando-as sujeitas.

Inês: Olhe, no comércio, eu costumava dizer que a minha bancada era uma bancada de psicologia. Por isso eu queria ser assistente social ou psicóloga, alguma coisa nessa área. As pessoas chegavam “o que é mulher?” “eu vim tirar foto 3x4.” Com essa cara, mulher? Mulher, foto 3x4..., o que você tiver dentro, ela transparece seu rosto. Você tem que vim tirar uma foto 3x4 pulando de um pé só, de alegria, de felicidade.

Rosemary: Eu batalhei porque a gente começou a construir uma casa e, hoje, graças a Deus, nós temos onde descansar a cabeça. Eu mesma trabalhei [na construção da casa], virei até a pedreira. Ele [esposo] saía pra trabalhar e eu ficava em casa trabalhando [...] Eu me sinto uma mulher realizada na vida como mãe, graças a Deus. Eu não tenho do que me queixar.

Rute: Eu hoje não tenho tanto medo de falar com as pessoas, seja quem for, se me derem a oportunidade falar, eu falo, se não der a oportunidade de falar, vão aparecer, provavelmente duas pessoas mal educadas, eu pedindo pra falar e as pessoas dizendo que eu não tenho o direito de falar “você não vai falar”, mas eu aprendi que onde eu chegar se eu for pra ouvir e achar que devo falar eu vou falar, eu vou pedir a vez da fala coisa que eu não fazia antes de forma alguma. Escutava as pessoas, eu não concordava e eu aceitava calada, hoje não.

Agg Vidas: Eu acho que conquistei a minha personalidade pelas minhas raízes, meu caráter e minha personalidade, porque mesmo que você tivesse vindo de uma situação de periferia, se você não tiver uma cabeça realmente segura daquilo que você quer e que o que você não quer fazer nada de errado, você acaba fazendo, foi isso que eu queria e quero ainda. Eu creio ainda que eu ainda vou realizar o que eu quero realizar. [...] Cada vez mais, a periferia, as mulheres negras tão crescendo cada vez mais com tudo, em direito, direito delas próprias de viver, de optar, de estar onde quer estar, de fazer o que quer fazer.

Carla: Eu, quando eu terminar o ensino médio, eu pretendo fazer o curso de farmácia pra depois a faculdade de pediatria, porque meu sonho é ser médica pediatra. Eu adoro crianças, eu quero cuidar de crianças, esse é meu sonho e eu tenho plena certeza que vou conquistar.



Kilomba (2020), ao se referir aos traumas coloniais reatualizados e reencenados na vida das mulheres negras, a partir do racismo cotidiano, aponta um movimento de saída: a descolonização do *eu*, que se atribui a um processo interno, por meio do qual, a pessoa negra transita para o reconhecimento e empoderamento de sua história e negritude ancorando-se na coletividade.

Nesse processo, é possível identificar alguns mecanismos que a pessoa negra disponibiliza internamente para alcançar tal movimento de se proteger das opressões interseccionais e de se reconhecer sujeita. Essas estratégias, não são lineares e perpassam desde a negação das situações vividas, passando pela frustração de ser rejeitada pelo universo branco, sentimento de ambivalência que gera na pessoa negra sentimentos ambíguos na relação com a sociedade embranquecida, chegando até a identificação, onde a pessoa negra começa a se identificar com outras pessoas negras, a partir de suas trajetórias semelhantes dentro das relações que as opressões interseccionais estabelecem. E, por fim, a descolonização, a possibilidade de ser, existir e narrar suas próprias realidades (Kilomba, 2019).

A resignificação do espaço de fotografia de Inês em “banca de psicologia” ajudando outras mulheres na comunidade com suas aparências nas fotos de currículos para encontrar emprego, algo que um dia foi negado a ela por “não ter boa aparência”. A possibilidade de ser cuidada e ter uma casa, um lar, cheia de afetos e realizações em ser mãe na história de Rosimary, outrora, vivendo exclusivamente para o cuidado de outros. A possibilidade de Rute de falar e ser escutada, de ser notada, de poder se posicionar e ser vista, onde em outros momentos da vida ela foi silenciada, violada, impossibilitada de falar de e por si. O processo de Agg Vidas em se reconhecer como pessoa, como alguém que tem desejos, sonhos, que pode ser, ter, existir sendo quem é, sem depender de outra pessoa ou sobre o jugo da violência vivida. E por fim, a esperança de conquista de Carla, da possibilidade de superação das realidades vividas a partir dos estudos, de um trabalho digno.



Na nossa cabeça jovem, as casas pertenciam às mulheres, era seu domínio especial, não como propriedade, mas como lugares nos quais acontecia tudo aquilo que mais importa na vida – encontrar o calor e o conforto do abrigo, alimento para o corpo, nutrir a alma. Lá aprendemos o que é dignidade e integridade; lá aprendemos a ter fé. As pessoas que tornaram isso possível, que foram nossas principais guias e professoras, eram as mulheres negras (kooks, 2019, p.104)

Como bell hooks (2019) narra sua experiência em ir à casa de sua avó, e que apesar de todos os desdobramentos de uma vida de sofrimentos e de trabalho a serviço da sociedade branca, essas mulheres, assim como as mulheres da história de hooks, encontram em se mesmas seus próprios lares e recriam possibilidades de fazer morada acolhedora para si mesmas e para aquelas que precisam desse acolhimento (kooks, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das narrativas foi possível identificar compreender as repercussões das questões raciais, de gênero e de classe social no cotidiano de mulheres negras de uma periferia do município de Jaboatão dos Guararapes- PE. Foram apresentadas narrativas que retomam vivências, memórias e constituições de si, permeadas pelas diversas violências impostas pela lógica dominante branca, racista, colonial e heterocispatriarcal, entre outros que as julga e classifica o que pertence ou não aos seus contextos.

O projeto colonial de embranquecimento da sociedade, sustentado pela alegoria de harmonia entre raças no Brasil, silencia, subjuga e afasta o povo negro de um autorreconhecimento, aproximando-o das inúmeras desigualdades que esse



projeto produz. Em um cenário de cuidado, seja como mães ou nas relações afetivas familiares, a ordem colonial, heterocispatriarcal e capitalista, alimentada pelo racismo cotidiano, cria experiências alienantes e de apagamento, expulsando a mulher negra de qualquer outra vivência que a identifique como sujeita. Mesmo diante de histórias de sofrimento, violência e apagamento, essas participantes encontram possibilidades de resistir e ressignificar suas trajetórias a partir do cuidado de si através da coletividade.

Essas violências geram rupturas em suas subjetividades e corpos. As mulheres relatam que são constantemente avaliadas pelos olhares de uma sociedade embranquecida, que classifica e marca seus corpos. A violência sexual também está presente nas narrativas como expressão de sofrimentos reatualizados cotidianamente considerando o corpo da mulher negra à serviço da dominação - hipersexualizado e/ou para serventia, desprovido de amor, cuidado, beleza e respeito.

Ainda assim, as mulheres negras participantes nos ensinam quando relatam sobre como enfrentam o lidar com as violências e as violações cotidianas identificando possíveis estratégias para se protegerem das opressões interseccionais e de se reconhecerem sujeitas ativas no processo de construção e transformação social. Ainda que, a luta seja de toda a sociedade, principalmente branca.

Dessa maneira, há um necessário esforço de aprofundar e continuar os estudos acerca do cotidiano da população negra, em especial das mulheres. Do mesmo modo como, existe uma necessidade de aprofundamento na área de conhecimento e na formação acadêmica no que diz respeito ao conceito da teoria da interseccionalidade para um maior alcance dessas temáticas, sobretudo, nas profissões de cuidado e atenção às pessoas e suas comunidades que mais sofrem com os processos de desigualdades e exclusões dos poderes hegemônicos instituídos.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio.. *Racismo Estrutural*. 5. ed. São Paulo: Jandaíra, 2020. 264 p

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. 1. Ed. São Paulo: Jandaíra, 2020, 152 p

AMBROSIO, Leticia. Raça, gênero e sexualidade: uma perspectiva da terapia ocupacional para as corporeidades dos jovens periféricos. [Dissertação]. Mestrado. *Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional*, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

AMBROSIO, Leticia.; SILVA, Carla Regina Interseccionalidade: reflexões sobre as opressões de raça, gênero e sexualidade a partir da perspectiva crítica decolonial em Terapia Ocupacional. In: ALVES, A.C.; ALVES, M. C. (Orgs.). *Redes Intelectuais: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas*. Porto Alegre: Rede Unida, 2021.

AMBRÓSIO, Leticia; FONSECA, Leticia Gomes.; ANDRADE, Alice Bispo Fernandes de; SOUSA, Dandara Pereira.; SILVA, Carla.Regina. Cabelos crespos, tranças e black power: reflexões sobre o adoecimento de mulheres negras, autoestima e empoderamento. *Abpn*, São Paulo, v. 14, n. 39, p. 453-477, 2022.

BECKER, Howard. Conferência: a escola de Chicago. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 177-188, 1996.

BELONIA, Cinthia da Silva.. Violência contra a mulher negra: do racismo ao estupro. *Criola: Dissidências de Gênero e Sexualidade nas Literaturas de Língua Portuguesa*, [s. l], v. 1, n. 24, p. 214-221, 2019.

BILGE, Sirma. Théorisations Féministes de L'intersectionnalité. *Diogène*, Paris, v. 1, n. 225, p. 70-88, 2009.

BOURABAIN, Dounia; VERHAEGHE, Pieter-Paul. Could you help me, please? Intersectional field experiments on everyday discrimination in clothing stores. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Belgium, v.45, n.11, p.2026-2044, 2019

BUENO, Winnie. *Imagens de Controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.



CAVALCANTE, Eduardo de. Queiroz Tecendo redes, construindo laços de solidariedade: a formação de famílias negras, a prática do compadrio e a morte de escravizados e libertos no cariri paraibano (são joão do cariri/1850-1872). 2015. 183 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

CRENSHAW, Kimberlé. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. *Cruzamento: Raça e Gênero*. UNESP/UNB, 2004. Disponível em: <<https://nesp.unb.br/popnegra/index.php/biblioteca/2-genero-raca-e-saude/5-a-interseccionalidade-na-discriminacao-de-raca-e-genero>> Acessado em: 05 de junho de 2021.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. *Parágrafo*, v.5, n.1, 2017.

DALE, Sannisha. K.; SAFREN, Steven .A. Gendered Racial Microaggressions Predict Posttraumatic Stress Disorder Symptoms and Cognitions Among Black Women Living With HIV *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, Miami, v.11, n.7 ,p. 685–694, 2019.

ELLIS, J.M; Powell, CS; Demetriou, CP. Huerta-Bapat, C.; Panter, AT. First-Generation College Student Lived Experiences With Microaggressions and Microaffirmations at a Predominately White Public Research University. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology Examining*, North Carolina, v.25, n.2, p.266-279, 2019.

ENGEL, Cintia Liara. *A violência contra a mulher negra*. Brasília: Ipea, 2019. 60 p.

FANON. Frantz. *Peles Negras, Máscaras Brancas*. Ubu, 1. ed., 2020, 320 p.

FARIAS, Magno Nunes; LEITE JUNIOR, Jaime Daniel; COSTA Isabelly Regianne Brasil Braga da. Terapia Ocupacional e população negra: possibilidades para o enfrentamento do racismo e desigualdade racial. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* Rio de Janeiro. v.2, n.1, p. 228-243, 2018

FERRUFINO, Almedra Herrera; MIRANDA, Viviana Llambias; JARA, Rodolfo Morrison; YATES, Gabriela Moreno; SILVA, Carla Regina. Transacionalismo, Interseccionalidade Feminista e Método Narrativo: aportes para a pesquisa em Terapia Ocupacional e Ciência Ocupacional. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* Rio de Janeiro. v.3, n. 1, p. 150-161, 2019.



GALHEIGO, Sandra Maria. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 104-109, 2003.

GALHEIGO, Sandra Maria. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 28, n. 1, p. 05-25, 2020

GOMES, Laurentino. *Escavidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares*, Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2019.

IBGE. *Cidades e Estados: Dados sociodemográficos de Jaboatão dos Guararapes*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/jaboatao-dos-guararapes.html>, acesso: 11 de julho de 2022.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 26, n. 1 p. 61-73, 2014

HOOKS, Bell. *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. São Paulo: Elefante, 2019. 448 p. Tradução de: Jamille Pinheiro.

KERGOAT, Daniele. Dynamique et consubstantialité des rapports sociaux. In: DORLIN, Elsa. (org.). *Sexe, race, classe: pour une épistémologie de la domination.*, Paris: PUF, Actuel Marx Confrontations, 2010. p. 111-125.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p. Tradução de: Jess Oliveira.

MARTINS, José Souza. *Uma Sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre*. Contexto, São Paulo, p. 221, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 80 p.



NASCIMENTO, Abdias do. O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. 232 p.

NEVES, Eloita Pereira.; ZAGONEL, Ivete Palmira Sanson. Pesquisa-cuidado: uma abordagem metodológica que integra pesquisa, teoria e prática em enfermagem. *Cogitare Enfermagem*, Paraná, v. 11, n. 1, p. 73-79, 2006.

NOGUEIRA, Maria Luíza Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAÚJO, Adriana Dias Gomide; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del Rei, v. 2, n. 12, p. 466-485, 2017

PAIS, José Machado. O cotidiano e a prática artesanal da pesquisa. *Revista Brasileira de Sociologia*, Sergipe, v. 1, n. 1, p. 107-128, 2013.

PANTA, Mariana Aparecida dos Santos. *Relações raciais e segregação urbana: trajetórias negras na cidade*. 2018. 298 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual de Paulista, Marília, 2018.

RAIN, Alicia Rain.; LLOMBART, Margot Pujal i.; MALO, Enrico. Mora. Mujeres Mapuche En La Diáspora Y El Retorno Al Wallmapu: Entre Micro-Resistencias De Género Y Despojos Coloniales. *Chungara Revista de Antropología Chilena*, Chile, v.52, n.2, p.347-360, 2020.

SANTOS, Inês Maria Meneses de; SANTOS, Rosângela da Silva.. A etapa de análise no método história de vida: uma experiência de pesquisadores de enfermagem. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 4, n. 17, p. 714-719, 2008.

SCHUCMAN, Lia Vainer; GONÇALVES, Mônica Mendes. Racismo na família e a construção da negritude: embates e limites entre a degradação e a positivação na constituição do sujeito. *Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB.*, São Bernardo, v. 2, n. 4, p. 61-83, 2017.

SEGATO, Rita Laura. *La guerra contra las mujeres*. Buenos Aires: Traficantes de Sueños, 2016. 188 p.

SILVA, Aline Pacheco; BARROS, Carlyne Reis; NOGUEIRA, Maria Luisa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. *Mosaico: estudos em psicologia*, v.1, n., p. 25-35, 2007.



SOUZA, Neuza Santos Torna-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983. Coleção Tendências v.4.

VALERIO, Ana Cristina de Oliveira; BEZERRA, Waldez Cavalcante; SANTOS, Vanessa Silva dos; LEITE JUNIOR, Jaime Daniell. Racismo e participação social na universidade: experiências de estudantes negras em cursos de saúde. Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional, v. 29, n. e3007, 2021.

VANDANA. Dalit Girls and Sexual Harassment in the University Sexual. Indian Journal Of Gender Studies, New Dalhi, v.27, n.1, p.33-54 ,2020

VINUTO, Juliana. A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. Temáticas, Campinas, v.44, n.22, p. 203-220, 2014.

Recebido em: 29/05/2024

Aprovado em: 02/09/2025